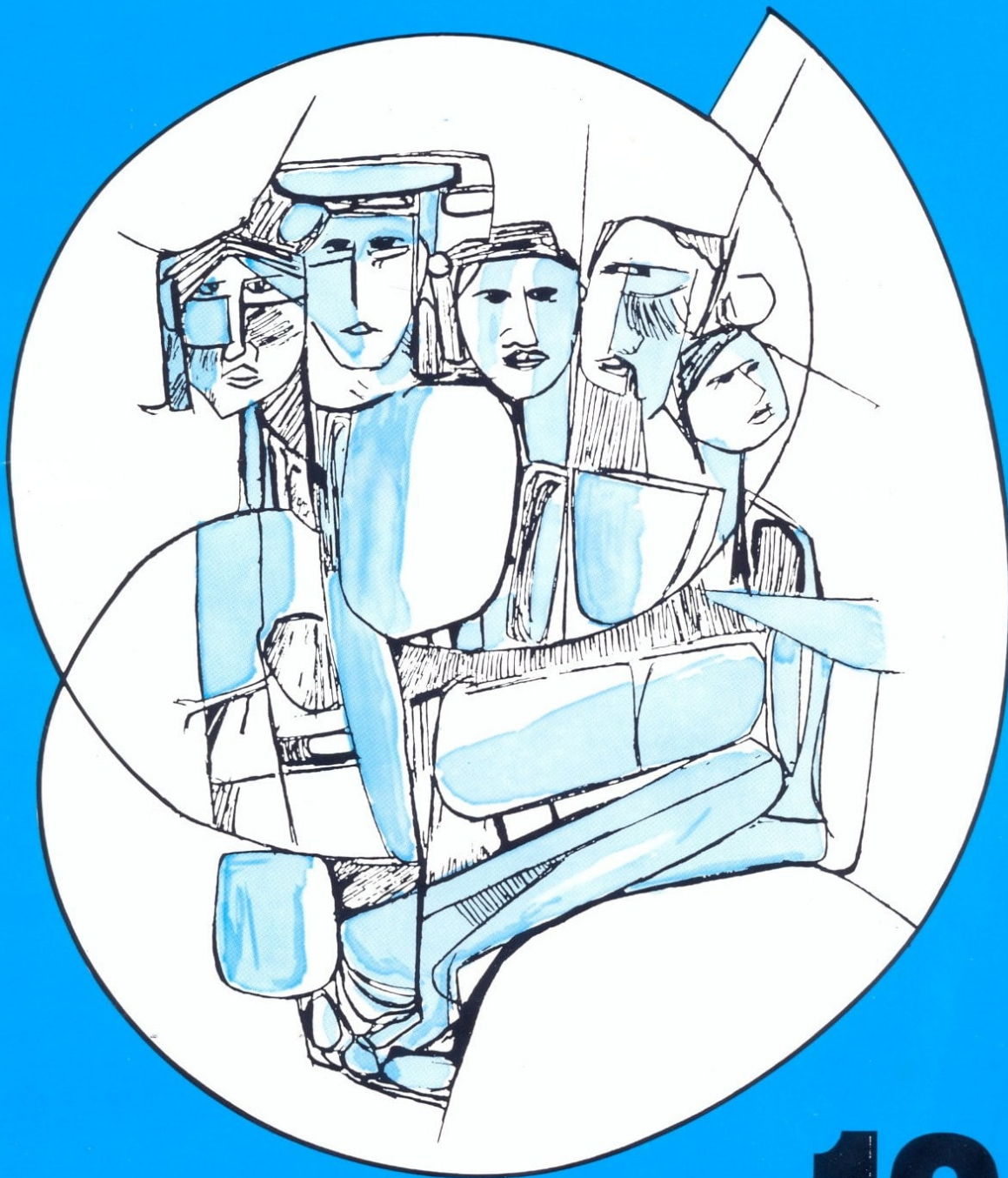


# prospectiva



**19**

revista de orientação educacional



Associação dos Orientadores Educacionais do RGS

fundada em 9 de março de 1966

Sede própria: Av. Alberto Bins, 325, salas 73/74 – fone 21-3487 – P. Alegre - RS – CEP 90030

## DIRETORIA

Presidente: Nafma Kepes Ayub

Vice-Presidente: Vilma Dors

1ª Secretária: Eva Mª Lago Pinto

1ª Tesoureira: Sonia Mª Rocha Teixeira

2ª Tesoureira: Mª de Lourdes C. Corrêa

## DIREÇÃO DA REVISTA

Tereza Gamba

## CONSELHO EDITORIAL

Lelia Cardoso Hilgert

Maria do Carmo Santos Freitas

Maria Luiza Merino de Freitas Xavier

Noeli R. Maggi

Nafma Kepes Ayub

Suely Eva dos Navegantes Braga

## SUPERVISÃO TÉCNICA

Maria do Carmo Santos Freitas

## CAPA

Tereza Gamba

## DIAGRAMAÇÃO, COMPOSIÇÃO, FOTOLITOS E IMPRESSÃO

Escola Gráfica FEPLAM

O conteúdo dos artigos é da responsabilidade dos respectivos autores.

Registrada na Divisão de Censura de Divulgações Públicas do Departamento e Polícia Federal, sob nº 1.884 – P.20973.

# Sumário

<b>Editorial</b> .....	2
<b>AOERGS: gestão 88/90</b> .....	3
<b>AOERGS – NOVA DIRETORIA: gestão 91/93</b> .....	4
<b>Encontros</b>	
XII Seminário Estadual de Orientação Educacional .....	5
● PROGRAMA .....	5
● ALFABETIZAÇÃO – RESPONSABILIDADE DE TODOS (Regina Leite Garcia) .....	8
● ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL E O CURRÍCULO (Rosa Maria L. Milet) .....	16
● OFICINAS .....	18
<b>Orientação Educacional</b>	
O Trabalho como Princípio Educativo: Antiga questão da Orientação Educacional (Lucídio Bianchetti) .....	24
O Educando e a Sociedade: A Dimensão do Trabalho Precoce (Celso João Ferretti) .....	27
<b>Relato de Experiências</b>	
Planejamento Participativo (Solange Castellano F. Monteiro) .....	32
Entrevista: Experiências do Colégio Estadual Padre Reus .....	39
<b>Educação</b>	
Por que a Universidade se ocupa com a Alfabetização de Jovens e adultos? (Elisabete de S. Otero, Neuza J. Armellini, Rute V. A. Baquero e Sonia S. Scornavacca.) .....	44
<b>Pesquisa</b>	
Prospectiva e o Orientador Educacional: – “VÍNCULO” (Maria do Carmo S. Freitas) ..	48
Coerência entre a Teoria e a Prática da Orientação Educacional (Antonio Serafim Pereira) .....	59
Uma Orientação Educacional que ultrapassa os Muros da Escola (Rosa Maria L. Milet) .....	60

# POR QUE A UNIVERSIDADE SE OCUPA COM A ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS?

Elisabete de Souza Otero\*  
Neusa Junqueira Armellini\*  
Rute Vivian Angelo Baquero\*  
Sonia Stangherlini Scornavacca\*

O presente artigo constitui-se em resposta a essa indagação, formulada pela revista PROSPECTIVA ao nosso Grupo de Pesquisa.

Historicamente, a educação brasileira tem se ocupado com as questões que dizem respeito às elites. Apenas nos últimos anos a Universidade tem buscado assumir sua função social no equacionamento dos problemas da maioria da população. Embora a magnitude do analfabetismo, da evasão escolar, da baixa produtividade do sistema educacional, são recentes no âmbito acadêmico, pesquisas, cursos de formação de educadores e atividades de extensão, tratando destas questões no que se refere aos jovens e adultos. (HADDAD, 1988; SOARES, 1990; ALLGAYER, 1989; BRANDÃO, 1986)

A alfabetização das crianças, nas últimas décadas, foi percebida como uma questão grave e merecedora de pesquisa e de propostas curriculares pela universidade e pelas associações científicas. Entretanto, a alfabetização de adultos ainda não ocupa um espaço acadêmico proporcional ao exigido pela magnitude deste problema. Estatísticas recentes apontam o aumento do analfabetismo entre os jovens, estando, também este segmento, a exigir soluções.

Os altos índices de analfabetismo dos jovens e adultos brasileiros não se devem, exclusivamente, à insuficiência e à inoperância de condições administrativas e pedagógicas da escola, mas a um sistema social e político excludente. (FERRARI, 1990)

A consciência da relevância desta questão e das conseqüências para o povo e a sociedade brasileira tem levado algumas universidades a se dedicarem a pesquisar esta reali-

dade, inaugurando uma área conhecimento.

Um grupo de professores da Faculdade de Educação da UFRGS vem desenvolvendo, através de pesquisa participante, estudos sobre alfabetização de jovens e adultos, com o objetivo de construir conhecimento sobre o processo de alfabetização de sujeitos de classes populares. A pesquisa se realiza em classes de alfabetização de jovens e adultos, situadas na periferia urbana de Porto Alegre e com classes de funcionários da própria Universidade e do Departamento Municipal de Limpeza Urbana.<sup>1</sup>

Professores-pesquisadores, alunos-monitores, alunos de disciplinas de cursos de graduação e de pós-graduação têm participado da experiência, como alfabetizadores e observadores nas seis classes de alfabetização até então constituídas.

A pesquisa tem se apoiado na teoria cognitivista-interacionista de Jean Piaget, nos estudos de alfabetização de Emília Ferreiro e na proposta educacional de Paulo Freire.

A socialização do conhecimento disponível e construído pelo Grupo da Pesquisa é outra direção de trabalho. Neste sentido têm sido várias e diversificadas as atividades. Além da apresentação de trabalhos em eventos científicos, os resultados da produção de conhecimento têm sido re-discutidos nos encontros com professores, especialistas, técnicos e alfabetizadores das redes municipal e estadual e com profissionais vinculados a sindicatos e a movimentos sociais, que têm nos procurado.

Outra forma de socializar o conhecimento que temos utilizado é a de publicações, buscando colocar à disposição dos educadores de 1º,

2º e 3º Graus, resultados de nossas reflexões.

A participação do Grupo da Pesquisa se faz também no Fórum Permanente de Alfabetização e Analfabetismo que reúne os educadores das Faculdades de Educação/RS, no Projeto de Educação Básica de Jovens e Adultos, da SMED/POA e no Núcleo da 1ª Delegacia de Educação do Projeto LER/RS.

A discussão de diferentes pontos de vista, e construção e a reconstrução do conhecimento, o redirecionamento teórico e prático, novas indagações e novos questionamentos têm emergido desses contatos, favorecendo a participação em um processo coletivo de construção do saber.

Paralelamente à construção e a socialização do conhecimento, a pesquisa vem contribuindo para a instalação e a legitimação da área de alfabetização de jovens e adultos na Universidade. A vinculação da pesquisa ao Núcleo de Integração Universidade e Sistema de Ensino da Pró-Reitoria de Extensão/UFRGS, além da participação dos professores e alunos integrantes da pesquisa, como coordenadores e docentes nos cursos para funcionários da própria Universidade ou como membros da Comissão da FACED que estuda a viabilidade de uma licenciatura na área de educação de jovens e adultos ou como docentes de disciplinas sobre Alfabetização e de estágio curricular em cursos de graduação e especialização, mantidos pela Faculdade de Educação, parecem ter garantido maior legitimidade dessa área, até pouco tempo considerada "não nobre" no âmbito da Universidade.

Segundo tais características a pesquisa tem se constituído numa

\* Professores do Grupo de Pesquisa: "Alfabetização de adultos: em busca de proposta político-pedagógica" - Convênio Faculdade de Educação/Organização dos Estados Americanos (1988/1990); Convênio Universidade Federal do Rio Grande do Sul/Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (1990/1991) e Programa de Integração Universidade com o Ensino e 1º Graus/Pró-Reitoria de Extensão/UFRGS (desde 1989). Os professores Antonio Estevão Allgayer, Renita Lourdes e Maria Beatriz Gomes da Silva colaboraram na fase inicial da produção deste trabalho.

<sup>1</sup> Convênio UFRGS/Prefeitura de Porto Alegre, Grupo de Interconsulta/Faculdade de Educação/Secretaria Municipal de Educação e Desporto/Porto Alegre (desde 1989).

possibilidade de concretização do compromisso social da universidade com a maioria da população brasileira.

O depoimento a seguir constitui-se em uma tentativa de concretizar nossa proposta de "dar voz" a todas as pessoas que têm participado dos processos de pesquisa e de alfabetização neste Projeto e que têm contribuído para a construção de um conhecimento que, se crítico, pode ter utilidade para a intervenção no processo de democratização da sociedade, no sentido da emancipação das camadas populares.

Destacando a importância de uma construção coletiva de saber, aproveitamos este espaço para iniciar a divulgação do que vem sendo construído, através de depoimentos de estudantes, de jovens e adultos alfabetizando e de educadores.

O interesse em trazer o relato do processo de alfabetização, através de ótica de uma aluna, nos parece mais vivo, mais palpitante, mais real, mais revelador da nossa preocupação em superar a dicotomia entre teoria e prática no ensino de graduação e em concretizar a indisociabilidade da pesquisa, do ensino e da extensão na Universidade.

O depoimento é de Tatiana Montanari. Tatiana é uma aluna do Curso de Ciências Biológicas e veio fazer a formação pedagógica na sua área de ensino na Faculdade de Educação. Decidiu cursar a disciplina "Educação de Adultos no Brasil" por interesse pessoal, participando de uma classe de alfabetização de funcionários da UFRGS<sup>2</sup> que integra a pesquisa que ora realizamos.

Tatiana registrou o que percebeu, analisou-o com fundamentos teóricos adquiridos em seus estudos e escreveu, com paixão e entusiasmo, a sua vivência nesta classe.

Pedimos aos leitores que acompanhem Tatiana na sala de aula, ouçam o que ela diz e analisem as reflexões constantes de seu relatório de observações feitas no primeiro semestre de 1990.

## REFLEXÕES SOBRE UMA PRÁTICA DE ALFABETIZAÇÃO DE ADULTOS

Tatiana Montanari

O que se espera de uma Universidade onde alguns funcionários não sabem o significado da palavra "oposição"?

Já é um grande motivo para verificarmos a urgência de um trabalho de alfabetização como este em nossas instituições.

Vários autores comentam o sentimento de inferioridade que os não alfabetizados tem, produto do fato de não saberem ler e escrever e do emprego que possuem. Ficam limitados no seu trabalho pela pouca ou nula instrumentação. Pela pouca ou nula instrumentação não podem produzir mais, explorar outras situações, executar diferentes tarefas. Resta um sentimento de pouca responsabilidade, de pouco ser útil, de frustração e de incompetência. É um ciclo que se alimenta da desvalorização do indivíduo.

Vivenciar uma experiência de alfabetização, ver estas pessoas aprenderem a ler e escrever, conquistarem esta aprendizagem, é simplesmente comover. Para elas é uma vitória, o primeiro passo para a afirmação pessoal, para a autonomia, para a independência. Não precisarão mais pedir para algum desconhecido o que está escrito no papel tímido: o endereço da loja, o nome do doutor, o produto que têm que comprar na farmácia ou no supermercado. Lerão. Assinarão o recibo de pagamento, o cheque da conta conjunta, o ponto do trabalho.

Parecem-nos tão simples estas atividades, já que estamos acostumados a ler várias obras em espaço de tempo curto ou de nível de linguagem complexa, abstrata; traduzir trabalhos do estrangeiro; escre-

ver monografias, resenhas; lidar com o computador; publicar artigos... As letrinhas, os pedaços, as palavras estão tão entranhadas no nosso dia-a-dia que nem mais as percebemos, só quando dá o branco e não sabemos se "exceção" é com "c cedilha" ou com "ss", "berinjela", com "j" ou com "g". Af nos lembramos da palavra.

Nós que conhecemos tantas e tantas palavras: técnicas, poéticas, concretas, abstratas, em inglês, em espanhol, aumentativas, sinônimas, coletivas, próprias... Elas que "não conhecem todas as letras".

Estamos criando um massivo contingente de desprivilegiados. Só um por cento da população brasileira tem acesso à Universidade (IZQUIERDO, 1990). E, segundo o TSE, dos eleitores, 10% são analfabetos, 30% só desenham o nome e 28% têm o 1º grau incompleto, o que somam 68% de 75 milhões de pessoas sem escolaridade básica (GARCIA, 1990).

E o que nós, 1% da população, os privilegiados culturalmente, estamos fazendo?

A grande parte deste 1% está reforçando este sistema. Vende a qualificação obtida na Universidade pública e gratuita por um preço alto demais para a maior parte da população pagar, mas afinal de contas foram cinco anos embaixo dos livros, noites mal dormidas, fins-de-semana sem festas, tem que se valorizar isso, cobrar isso, nada mais justo... Quem quiser que pague. Quem não tiver condições que procure o serviço público, entre na fila.

Mas há uma parte deste 1%, que junto com elementos da sociedade civil e de instituições competentes, está fazendo alguma coisa para reverter esta situação. Trabalho complexo pelo insuficiente conhecimento sobre a população desprivilegiada, comumente caracterizada pela consciência mágica, pelo opressor hospedado no oprimido, pela admiração pela classe média-alta e pelo estrangeiro, pela desvalorização de si e do que é nacional,

<sup>2</sup> Promoção conjunta da Pró-Reitoria de Extensão, Pró-Reitoria de Assistência Universitária, Departamento de Pessoal e Faculdade de Educação/UFRGS.

pelas informações incorretas, absurdas, fortemente arraigadas que traz consigo. Alguns consideram o intelectual que trabalha junto a eles um semi-deus, o salvador, "o que se lembrou de nós", outros o desprezam, o invejam, dele desconfiam.

Uma das facetas deste trabalho é a alfabetização. Voltemos então a ela, mais precisamente ao trabalho realizado com as funcionárias desta instituição.

"Um trabalho bonito". Não posso me restringir a uma frase tão simples, de mim, universitária de fim de curso, se espera mais. Afinal sou parte da elite cultural deste país, não tenho direito de falar "bonito", no mínimo, "magnífico". Mas também não tenho direito de elogiar, função de biólogo é dissecar objetivamente. A Educação equilibra isto: não existe neutralidade científica, assim dissecei subjetivamente.

A luz da filosofia de Paulo Freire, como percebi o trabalho da professora Denise\*: A relação educador-educando, o processo de alfabetização, de aprendizagem, a relação educador-objeto de conhecimento-educando, o uso da palavra, a escolha dos temas dos exercícios utilizados?

Primeiro, para falar de Denise como educadora, lembrei-me de uma frase de FREI BETTO (1990): "Um educador precisa ter uma afetividade paciente". Denise tem este pré-requisito. Há uma relação afetiva, carinhosa, que transparece nas explicações, nos exercícios, nas brincadeiras. Sempre leva para um lado positivo o que transcorre nas aulas.

Aproveita a presença de Paulinho, filho de uma das alunas, ou de outra pessoa visitante, como a prima dele, aceitando suas intervenções, respostas, considerando-os do grupo, não importa a idade, não importa que não seja funcionário da UFRGS; é um indivíduo interagindo com o grupo e com o conhecimento. Importa sermos coerentes com o nosso discurso de que todos devem ter acesso ao saber. E ela é

coerente. Permite a participação do Paulinho, o que estimula a aprendizagem dele e de sua mãe. Paulinho está praticamente no mesmo passo, sabe um pouco mais, tem mais facilidade, mas é um igual aí, apesar da diferença de idade de seus colegas, ganha tema de casa, faz os exercícios, copia o que está no quadro, conhece Mário Quintana. Está reforçando a aprendizagem da escola, exercitando-a diferente.

Elenara, com seu jeito mais espontâneo e meio irreverente é singular. O que poderia ser um obstáculo a um professor tradicional é aproveitado por Denise como um novo elemento de trabalho. Denise brinca, contorna a situação criada por Elenara, sem traumas, no mesmo nível de humor, de brincadeira.

Denise não é uma igual aí. Ela é a professora. Não tem como ser um igual, como FREIRE (1986) mesmo diz. Ela sabe como se escreve e como se lê, e é este saber que a turma busca. A professora é diferente. Entretanto isto não significa superioridade, hierarquia, distância. O "tu" corre solto. Não se dizia Dona Helena, Dona Ana; é Helena, é Ana. É assim que se sente. Estamos muito próximas a elas. Não existem barreiras de idade, de conhecimento. Existe o "eu tenho a cabeça dura", "não conheço todas as letras" e "eu não sei a melhor maneira de te explicar isto". Existe uma cumplicidade muito grande, porque eu e Denise temos o conhecimento que elas desejam: saber ler e escrever, e elas estão fazendo o processo que queremos conhecer: como se aprende a ler e a escrever.

O que estranhei, na primeira aula que assisti, foi o tema abordado: Outono. Onde fica o "ato político" no outono?

Perguntei à Denise por que estavam trabalhando com isto. Respondeu-me que elas próprias o haviam escolhido, já que estavam entrando nesta estação. Questionei por que não trataram de questões vinculadas à Universidade, ao trabalho. Explicou-me que, no Dia do Trabalho, tentou falar sobre isto, entretanto houve uma certa recusa por

parte das alunas.

Paulo Freire fala que a alfabetização deve ser uma reivindicação popular, isto é, só deve ser executada quando o povo quiser, não quando a gente pensa que deve fazê-lo (VANNUCCHI, 1983). Podemos transpôr isto para o problema das escolhas de temas aparentemente superficiais. A escolha de temas que implicam numa discussão mais crítica e política da situação em que vivem, da estrutura da sociedade, econômica e política, ou ainda sobre a Universidade, sobre seu próprio trabalho, também deve partir delas. Impôr isso é autoritarismo. O que muda é o discurso.

Educar é um ato político: ou está a serviço da domesticação ou a serviço da emancipação. E educação como instrumento de emancipação não só pode ser confundida com doutrinação, como não pode ser feita na base da falação, nos moldes de uma educação bancária (FREIRE, 1983). Ela também se faz na relação dialógica do educador e do educando, na liberdade do educando poder dizer a sua palavra, no saber esperar o aluno para discutir determinados assuntos, no respeitar as propostas e as decisões dos alunos, e não necessariamente em se discutir temas políticos. Assim, ao invés de o educador fazer um discurso sobre problemas sociais, o educando vai contando a sua vida, vai refletindo a sua história e vai assumindo as suas dificuldades, encontrando as causas destas e as diferenças entre ele, a classe a que pertence e as outras. Em cima disso é que se deve trabalhar, proporcionando uma maior clareza e maior criticidade do educando. Tem que se dar este tempo ao educando.

Nas palavras de Paulo Freire, "engajar-se em um processo de aprendizagem da escrita e da leitura é um ato de conhecimento. Ato de conhecimento em que o objeto a ser conhecido é o próprio conhecimento da palavra, é a própria significação profunda do que é a palavra na linguagem humana". (VANNUCCHI, 1983). Ou em outras

Os nomes utilizados são fictícios.

palavras “não é memorizar sílabas, palavras ou frases, mas refletir criticamente sobre o processo de ler e escrever...” (HARA, 1988).

Paulo Freire parte da apreensão do significado da palavra para depois ensinar a simbologia, ou seja, a palavra como símbolo. Na aprendizagem tradicional, ensina-se a palavra, o nome e depois explica-se o que significa aquilo.

Freire também diz que o processo de alfabetização é um ato de reconhecer que o povo conhece (VANNUCCHI, 1983).

Para amarrar estes últimos três parágrafos com o trabalho desenvolvido na classe de alfabetização, devo salientar que as palavras utilizadas são as dos alunos, não as do professor. Denise não deu uma aula expositiva para explicar o que é caqui, folha, outono, nem mesmo oposição, que elas não tinham presente o seu significado. Foi o grupo que descreveu o outono, o que acontecia nesta estação, com suas palavras. O grupo que chegou ao significado de oposição, com a articulação de Denise. Esta é a base do trabalho, o que não impede que a professora também traga suas palavras. Mas trazer ao grupo é diferente de impôr.

De maneira alguma o trabalho a que assisti é um exemplo de “educação bancária” (FREIRE, 1983). Neste tipo de educação o professor faz comunicados, “depósitos” que os alunos recebem pacientemente, memorizam e repetem de forma mecânica; o professor é quem detém o monopólio do saber, e o aluno paga e se sacrifica para obter uma parcela daquele saber; o ponto de partida é o discurso do professor, que tem a propriedade de abstrair o real em conceitos, a ponto de acentuar mais a importância da apreensão dos conceitos do que a importância da transformação do real.

Numa educação como a proposta por Paulo Freire, o ponto de partida não é o saber do educador, mas sim a prática dos educandos; ao invés da narração realizada pelo professor tem-se o diálogo; ao invés da transmissão de conhecimentos, tem-se a problematização da realidade; ao invés do professor elaborar o conteúdo programático segundo o seu gosto, o programa é elaborado a partir do universo do aluno (FREIRE, 1983; 1986). O processo educacional realizado na classe fecha, nestas características, com a

proposta de Paulo Freire.

A situação mais marcante aconteceu na primeira aula, quando uma aluna considerou “Quintana” semelhante ao “Outono”, o que, para quem lê toda a palavra ou a ouve, é difícil de compreender. Mas considerando letra por letra, encontramos uma grande correspondência. O traço do “Q” é desprezível para o alfabetizando, o que se compreende, porque o “Q”, na verdade, é um “O” com um traço. O “a” também é um “o” com um traço, na letra “script”. É só tirar o “i”, desconsiderar esses traços e pronto, são iguais. Esta mesma aluna, quando escreve, separa as palavras por um hífen, já que escreve as letras da mesma palavra a uma certa distância, o que faz com que se confundam com as letras da outra palavra. Então usa o hífen como um código, demarcando onde é cada palavra.

Poderia levantar as seguintes hipóteses a partir desta situação:

1ª) A alfabetizanda faz a correspondência letra à letra, não sílaba à sílaba;

2ª) A alfabetizanda está trabalhando em cima da forma da letra, talvez de maneira mecânica;

3ª) Para a alfabetizanda não existe a palavra, existe um conjunto de letras.

Não tenho mais dados sobre como a aluna escreve as suas palavras ou as que são ditadas para compreender melhor o processo que está desenvolvendo na sua aprendizagem.

Por último, quero comentar o desejo de usarem uma cartilha. É bastante interessante isso. Talvez seja a forte identificação entre cartilha e alfabetização. Talvez a cartilha seja o símbolo de aprender a ler e escrever; talvez as suas figuras bastante coloridas, as letras bonitas, os exercícios atraíam. Acrescento ainda outras razões: A cartilha possibilita ao aluno estudar em casa, sem a presença do professor. Sinto uma certa limitação aos exercícios dados em aula, ao conteúdo de aula. Quanto mais textos tiverem à mão – exercícios, figuras com nomes, melhor. Não considero a cartilha o ideal para isso: suas frases ridículas não ajudariam em nada o tipo de trabalho realizado. O ideal seria montar um livro com o acabamento das cartilhas e com frases mais próximas à realidade dos educandos, mais coerentes. No entanto, uma boa alternativa é a de

que cada uma construa a sua própria cartilha, com manchetes de jornais, artigos, “charges”, panfletos, receitas culinárias, exercícios de outras cartilhas...

O importante é que tenham material para interagirem – a leitura dos luminosos, “out-doors”, rótulos de embalagens, papéis da Universidade; a escrita de palavras que se lembram, o bilhete para o marido, para a filha, o recado para o colega, a lista de supermercado.

O importante é ter em mente que não é questão de “cabeça dura”, de idade... Mas sim de prática, de “pensar em cima”, de refletir sobre o conhecimento, de exercitar.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALLGAYER, A.; OTERO, E.; ARMELLINI, N.; ALGGAYER, R. Alfabetização de adultos – um compromisso assumido? *Boletim Bibliográfico da Biblioteca Setorial de Educação*. Porto Alegre, v.14, nº 1/2, p.71-5, jan./dez. 1989.
- BETTO, Frei. *Educação, fé e liberdade*. Porto Alegre, 29 maio 1990. Palestra proferida no Salão de Atos da UFRGS, promovida pela SMED.
- BRANDÃO, Carlos R. *A pesquisa na educação de Adultos*. Relatório no Seminário A Pesquisa e a Política Educacional no Brasil e na América Latina: Tendências e Perspectivas. Brasília, UnB, 1986. Mimeogr.
- FERRARI, Alceu R. *O problema do analfabetismo e políticas de alfabetização: Brasil e América Latina*. Porto Alegre, 9 de julho de 1990. Palestra proferida na Faculdade de Engenharia/UFRGS. Simpósio da 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 15ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.
- FREIRE, Paulo; BETTO, Frei. *Essa escola chamada vida*. 4ª ed. São Paulo, Ática, 1986.
- GARCIA, Regina Leite. Alfabetização – responsabilidade de todos. *ANDE*, v.9, nº 15, p.25-36, 1990.
- HADDAD, Sérgio. *Promoção de programas de alfabetização, pós-alfabetização e educação de adultos com a vinculação das instituições de ensino superior no Brasil*. São Paulo, CEDI, 1989.
- HARA, Regina. *Alfabetização de adultos: ainda um desafio*. São Paulo, CEDI, out. 1988. 36p. (Documentos, 1).
- IZQUIERDO, I. *Pesquisa: como, por quê e para quê?* Porto Alegre, 7 de junho de 1990. Palestra proferida na Sala Corpo Santo, promovida pela PROPESP/UFRGS.
- SOARES, Magda B. *Alfabetização no Brasil: o estado do conhecimento*. Brasília, INEP/REDUC, 1989.
- VANNUCCHI, Aldo (Org.). *Paulo Freire ao vivo*. São Paulo, Loyola, 1983.